

## MULTIFACETA NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO: a construção ideológica do sujeito

Sidney da Silva Chaves<sup>1</sup>  
Gilvone Furtado Miguel<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo contribuir para a reflexão sobre a construção ideológica do discurso como estratégia de convencimento. O que se deseja é mostrar a vertente de que, no discurso, há um jogo de intenções para convencer alguém de “supostas verdades”. Por isso, será debatido que o sujeito é atravessado pelo discurso numa conjuntura sócio-histórica-cultural. Para sustentar esta teoria, recorreu-se à Análise do Discurso (AD) a qual é representada aqui pelos autores Adilson Citelli, José Luiz Fiorin, Eni Pucinelli Orlandi, Dominique Maingueneau e outros que convergem na mesma tendência. Fez-se um breve debate sobre a diferença da Análise do Discurso da Linha Francesa (AD) da Análise Crítica do Discurso (ACD), método muito usado na Grã-Bretanha. Nesta, a linguagem é delineada pelo social e não pelo indivíduo, ou seja, o sujeito é atravessado pela busca reflexiva de autoidentidade. Naquela, o sujeito é uma construção social. Por isso, ele está mascarado pelas ideologias que o cercam, seja de forma consciente ou inconsciente. Utilizou-se de exemplos dos autores estudados, além de um artigo de Fernanda Trisotto “A eleição das fake news: as mentiras que te contaram e os impactos na campanha”, publicado no jornal Gazeta do Povo de Curitiba, Paraná, em 28/10/2018. Por fim, acredita-se ter alcançado o objetivo proposto, pelas análises realizadas, mesmo diante da complexidade de se abordar a respeito da formação sujeito e/ou como este é atravessado, de forma consciente ou não, pelo discurso. **Palavras-chave:** Discurso. Polifonia. Sujeito.

### Abstract

This article aims to contribute to the reflection on the ideological construction of discourse as a convincing strategy. We want is to show the aspect that, in the speech, there is a game of intentions to convince someone of “supposed truths”. Therefore, it will be debated that the subject is crossed by the speech in a socio-historical-cultural context. To support this theory, Speech Analysis (SA) was used, which is represented here by the authors Adilson Citelli, José Luiz Fiorin, Eni Pucinelli Orlandi, Dominique Maingueneau and others that converge on the same trend. There was a brief debate about the difference between the Discourse Analysis of the French Line (AD) and the Critical Discourse Analysis (ACD), widely used method in Great Britain. In this, the language is outlined by the social and not by the individual, that is, the subject is crossed by the reflexive search for self-identity. In that, the subject is a social construction. Therefore, he is masked by the ideologies that surround him, whether consciously or unconsciously. Examples of the authors studied were used, in addition to an article by Fernanda Trisotto “The election of fake news: the lies that were told and the impact on the campaign”, published in the newspaper Gazeta do Povo de Curitiba, Paraná, on 10/28/2018. Finally, it is believed to have achieved the proposed objective, by the analyzes

<sup>1</sup> Mestrando em Educação, Especialista em Língua Portuguesa-Unemat- Universidade Estadual de Mato Grosso; Especialista em Didática do Ensino Superior- FIU-Faculdade Integradas de Educação, Ciências e Letras de Urubupungá; Especialista em História de Mato Grosso- IFMT- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. Graduado em Letras- Fecilcam- Faculdade Estadual de Campo Mourão-PR; Graduado em História- Unemat- Universidade estadual de Mato Grosso. Professor efetivo da rede estadual de educação de Mato Grosso (Brasil). Leciona desde 1996 na UNIFLOR - União das Faculdade de Alta Floresta – MT. Atua no Departamento de Comunicação e na Ouvidoria da UNIFLOR.

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística pela UFG (2007). Docente da UFMT/CUA.

carried out, even in the face on the complexity of approaching the subject formation and/or how it is crossed, consciously or not, by the speech.

**Keywords:** Discourse. Polyphony. Subject.

## 1. INTRODUÇÃO

Apesar de ser pertinente discutir a definição de discurso, o que se propõe aqui é uma abordagem reflexiva sobre o discurso dentro de uma conjuntura sócio-histórico-cultural. Assim, propõe-se uma reflexão que contribua para o entendimento de que o discurso não é uma construção que provém de um espaço vazio ou de um único lugar ou de um sujeito. Sua construção se dá de maneira eloquente e multifacetada; jamais a significação se dá sobre um único viés. O entendimento do que se diz, do como se diz, do momento em que se diz e de quem diz é fundamental para se entender que a constituição do discurso é um jogo de ideologias, nesse sentido ele é estratégico.

Neste artigo, caminhar-se-á pelo percurso da análise do discurso na vertente francesa, por entendermos que o sujeito está mascarado pelas ideologias que o cercam, seja de forma consciente ou inconsciente.

O discurso é um lugar onde as estratégias de comunicação e de persuasão se distribuem e se redistribuem. É um espaço onde algo é dito, não de maneira inocente, mas sim onde a intencionalidade está subjacente; não havendo assim neutralidade. Nele se escondem as ideologias, o desejo de poder, a perpetuação. No discurso, há sempre um jogo de intenções, ou melhor dizendo, um querer dominar o outro ou o espaço do outro na sociedade, ou o desejo de se manter no poder.

Orlandi (1996, p. 125) cita que em um discurso os interlocutores são representados além de si mesmos, também pelas suas formações ideológicas. Para abordar essa concepção, conceituaremos os elementos que fazem parte da construção do discurso: tipos de discurso, a fala, a linguagem, a polifonia e o sujeito. Ressalta-se que os textos utilizados serviram apenas como elemento de análise do jogo discursivo para se conceituar o que se propõe no tema deste artigo. Poderia ser utilizado qualquer outro texto, haja vista que o objetivo do artigo é debater a multifaceta do discurso na construção do sujeito.

## 2. Embasamento teórico

Há duas vertentes de análise do discurso: a “ Análise do Discurso oriunda da escola francesa, conhecida como AD e a Análise Crítica do Discurso, método muito usado na Grã-Bretanha, denominada com ACD. A primeira surgiu na França em 1960, década de grande movimentação política e cultural. É nesse contexto agitado político-ideologicamente, que a AD buscava analisar o confronto discursivo da direita versus esquerda.

Segundo Brandão em seu artigo “Enunciação e Construção do Sentido” (2012, p. 23): “Todos esses aspectos devem ser levados em conta quando procuramos entender o sentido de um discurso”. A autora diz, ainda, que “cada formação ideológica pode compreender várias formações discursivas em interação”. Dessa forma, o discurso é uma prática social. É o lugar onde as forças ideológicas se instalam como meio de persuasão do (s) outro (s). Orlandi (1996, p.157-58) aponta que pela noção de discurso, o modo de existência da linguagem é social. Por isso, falar em discurso é falar em condições de produção.

Já a Análise Crítica do Discurso, denominada de ACD, traz como grande expoente Norman Fairclough. Ela enfoca a desigualdade social e as formas pelas quais textos são usados para denotar poder e ideologia, segundo Rogério Tilio (2010, p. 86). O uso da linguagem na visão da ACD é delineado pelo social e não pelo indivíduo. Analisa o mundo social e político. Além disso abarca Tavares (2011, p. 182):

(...) de forma geral, tem por objetivo analisar o discurso com uma visão crítica, de forma a denunciar o domínio das mentes das pessoas pelo discurso. A noção de cultura, a partir da multidisciplinaridade dos estudos, torna-se complexa, podendo conter significados relativos a valores sociais ideológicos, normas de condutas sociais, tradições, rituais, folclore, entre outros.

Pode-se, em contraponto, citar que, para a AD, o sujeito é atravessado pela história e pela ideologia porque está marcando em um determinado tempo e lugar, o discurso se constrói ou reconstrói, então, na relação com outros discursos já marcados ou mascarados socialmente. Na ADC, o sujeito é, por sua vez, atravessado pela busca reflexiva de auto identidade. Isso se dá porque enquanto na AD o sujeito é determinado historicamente e se constitui simultaneamente, como cita Walsh (2011, p. 14): “Na AD, parece que o discurso e o social têm sua gênese simultânea e permanecem inseparáveis, não há espaço para qualquer grau de independência”; na ADC, o sujeito é político e está impregnado num contexto pós moderno, ou seja, aqui, o sujeito está localizado na modernidade tardia, havendo neste uma crise de identidade:

A classe social não pode determinar uma identidade una e

fixa. O sujeito pós-moderno é necessariamente fragmentado, constituído de várias identidades contraditórias, que se reorganizam politicamente. A instabilidade está na articulação dessas identidades, que dependerá do momento social (WALSH, 2011, p. 12).

Cabe salientar que, na realidade, ambas formas de analisar o discurso marcam uma evolução no que tange ao estudo da linguística enquanto ciência. O estudo do discurso sobre o prisma da Análise do discurso, seja qual for a modalidade, traz por si uma dimensão científica ao estudo da linguagem, que agora sai dos conceitos pré-estabelecidos, da visão estática e meramente estrutural e ganha uma dinamicidade, seja ela no campo das ciências sociais (Análise do Discurso Francesa) ou na sociologia (Análise Crítica do Discurso Anglo-Saxão). Por fim, ainda a seguinte abordagem de Walsh (2011, p. 14) contribui para a definição:

A estrutura social e a ideologia determinam o discurso na AD, sem espaço para uma retroalimentação, ao que parece. A ACD identifica isto, como lacuna, porque segundo esta é preciso considerar que o discurso também é constitutivo. A diferença, então, estaria na natureza da relação: na ACD, mediação dialética entre duas instâncias e na AD, gênese simultânea. Em ambas, na prática não se pode separar o social do discurso, eles acontecem simultaneamente, é na teoria (análise) que seria possível, até certo ponto, o descolamento. Na ACD a inseparabilidade é articulatória, e na AD a inseparabilidade é genética. Na primeira, admite-se certa autonomia, porque se trata de partes (momentos); na AD, não se cogita nenhum grau de independência.

Ainda na busca de mostrar o que se separa e o que se junta nas duas concepções de análise do discurso, uma citação de nota de rodapé no artigo *Análise do discurso e linguística textual: interação e interdiscursividade*, de Graziela Zanin Kronka, publicado nos *Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003 (589-594)*:

Especificar a vertente francesa da Análise do Discurso (ou AD) significa reconhecer que não existe uma, mas diferentes “Análises do Discurso”. Ao lado dos trabalhos da escola francesa, são conhecidos os estudos anglo-saxões referentes a essa área da Linguística. A principal diferença de abordagem, de acordo com Mussalim (2001:113), está no fato de que a AD mantém uma relação privilegiada com a história, com os textos de arquivo que emanam de instâncias institucionais, enquanto a Análise do Discurso anglo-saxônica privilegia a relação com a Sociologia, interessando-se por enunciados com estruturas mais flexíveis (idem, ibidem). A autora acrescenta que o que diferencia a Análise do Discurso de origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxã (...) é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso de origem francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em

determinadas conjunturas histórico-sociais (idem, ibidem).

Percebe-se que a discussão em torno dos conceitos e dos posicionamentos acerca da Análise do Discurso, independentemente de qual linha de abordagem, é complexa. Há entre as duas vertentes, divergências e convergências. Cabe a cada analista do discurso saber utilizar cada percurso, ou de repente, interagir com os dois e desenvolver uma análise discursiva que contemple o objetivo de sua análise.

### **3. Língua, linguagem, fala e discurso**

O discurso é, pormenorizado, a exteriorização de um pensamento uma vez que o enunciador deste constrói um dizer que pretende expor o seu pensamento frente a um receptor, podendo ser um indivíduo ou uma plateia. É importante saber que o enunciador ao construir um pensamento cria uma imagem de si, uma vez que o discurso carrega um peso ideológico que está relacionado com o peso social do sujeito falante.

Pode-se afirmar que linguagem é toda forma de comunicação que se sustenta na construção de sentido por intermédio de signos linguísticos com o objetivo de se estabelecer uma interação social, ou seja, a comunicação. Esses signos podem ser verbal: oral ou escrito; ou não verbal, como o gestos, as cores, as expressões faciais, e outros. Entende-se por signos oral a fala e escrita em todas as manifestações escritas; já os não verbais são as expressões faciais, as cores e os sinais de trânsito, por exemplo.

Nessa ótica, a linguagem concebe que o signo, seja ele verbal ou não verbal, não é apenas construído socialmente como forma de comunicação e de interação social, mas como instrumento de transmissão de ideologia. Assim, ela se torna uma construção e uma prática discursiva uma vez que aquele que a produz tem como objetivo modificar certas práticas sociais.

Mainueneau (1993, p. 29) nos contempla ao dizer: “ a linguagem é considerada como uma forma de ação: cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc.) é inseparável de uma instituição”. Recorrendo a Citelli (2007, p. 31), afirmamos que os signos serão absorvidos, transformados e reproduzidos, formando e reformulando nossas consciências. Por isso, o autor afirma que as palavras, no contexto, perdem sua neutralidade. Assim, segundo ele, pode-se ler a consciência dos homens por meio dos signos expressados por eles. Um exemplo citado por Citelli (2017, p 29) é o do martelo e da foice na bandeira da União Soviética. Segundo o autor, os instrumentos estão produzindo a ideia de que o Estado Soviético

é construído sob aliança dos trabalhadores do mundo urbano com os trabalhadores do mundo rural. O que representa que a URSS é potencializada pela união dos operários com os camponeses.

Assim, todo ato de linguagem possui certas condições ideológicas que a faz existir enquanto componente não só de comunicação informativa, mas como instrumento de dominação social por intermédio de sua faceta ideológica, seja de um indivíduo ou de um grupo social dominante, ou de um grupo que busca a dominação.

A língua, ao nosso ver, é uma substância mais concreta em uma sociedade, pois representa o idioma de um país. Possui uma estrutura gramatical no campo morfossintático e semântico. Tem uma organização frasal que a sustenta de acordo com suas regras combinatórias, que são convencionalizadas e também um conceito que a sustenta no campo social, o que dá a uma palavra, a uma frase ou a um ícone (imagem) um sentido, ou seja, uma significação social que sustenta a comunicação entre os indivíduos. Saussure (1995, p. 27) diz que “A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos”.

Daí compreender que esse sistema é convencionalizado, uma vez que as palavras e outros símbolos são uma criação humana para representar conceitos e ideias imagéticas de coisas ou de uma ação em uma determinada sociedade, é uma criação representativa desta sociedade para que esta possa se interagir e se comunicar. Por exemplo, a palavra “lápiz” em língua portuguesa, remete-nos a imagem de um objeto pontiagudo, de grafite, utilizado para escrever. Contudo, em uma outra língua o código pode ser outro e o conceito ser o mesmo, bem como a imagem. Em inglês, por exemplo, o objeto acima citado é “pencil”, contudo o conceito e a imagem são os mesmos.

A língua, enquanto signo de comunicação, é um instrumento complexo já que embora tenha um conceito e/ou imagem convencionalizados pode ainda ser metaforizada. Podemos dizer, há um desvio de “conduta” na sua significação, em outras palavras, “uma quebra de contrato” com o sistema tradicional da língua. É o que acontece com a palavra “fogo” em situações diversas de interação social. Ao se dizer “Pegou fogo no prédio”, dependendo do contexto situacional, pode-se depreender sentidos diferentes. Um jovem falando para outro numa situação de festa num aniversário de um amigo ou amiga, denota uma ótima festa que contagiou o prédio. Já numa outra situação, por exemplo, uma discussão envolvendo os vizinhos do condomínio, já seria uma briga ou discussão generalizada, ou numa situação real de acidente, seria um fogo verdadeiro. Por essa razão é que se diz haver uma quebra de “contrato”. Por isso, é importante ficar atento às condições de produção de um dado signo para

não atribuir um falso sentido.

Quanto à fala, esta é realizada por vontade própria e individual. Koch (1993, p.30) diz que “consiste na produção de frases, decorrentes da capacidade do falante de produzir sons de acordo com certas regras gramaticais”. É uma forma de exteriorizar nossas ideias sobre nós ou sobre o mundo a nossa volta. É uma ação comunicativa que respeita regras gramaticais de um idioma. Necessitando de um indivíduo para exteriorizá-la.

Por outro lado, o discurso percorre um caminho complexo na sua construção e na exteriorização do nosso pensamento. Segundo Citelli (2007, p.44), “a palavra, o discurso e o poder se contemplam de modo narcisista; cabe-nos tentar jogar uma pedra na lâmina de água”. Isso decorre do fato de não haver neutralidade discursiva, muito menos inocência na sua construção. Há sempre ideologias que o constituem. Nesse sentido, o discurso é estratégico, é pensado, é elaborado, ou seja, é persuasivo, sempre com o objetivo de atingir determinado objeto e modificar o comportamento do seu receptor. Por intermédio dele, chega-se ao poder e perde-se o poder. Pode-se mensurar ainda que é um conjunto de relações que o constituem, porque sua formação não vem do nada. Toda ideia que forma o pensamento de um grupo social, religioso ou político, por exemplo, está ancorada na ideologia que sustenta a dominação desses grupos. Assim, constrói-se de forma consciente ou não, o ideário de um povo:

O falante ‘sabe’ a sua língua mas nem sempre tem o ‘conhecimento’ do seu dizer: o que diz (ou compreende) tem relações com o lugar, isto é, com as suas condições de produção de seu discurso com a dinâmica de interação que estabelece na ordem social em que ele vive. Lugar, aliás, que é o lugar próprio para se observar aquele que fala (ORLANDI, 1996, p. 138).

Dessa perspectiva, vê-se que aquele que produz a fala, desenvolve-a apoiada numa regra de sustentação que não possui nada de inocente. É preciso, então, ao analisá-lo, considerar suas condições de produção como citado no fragmento acima e, assim, buscar a ideologia subjacente que o sustenta. É diante desse entendimento, ou seja, da informação, estabelecida no subtendido ou nas marcas do pressuposto, que o texto se reproduz na sua significação social.

Nesse sentido, cabe agora abordar sobre o discurso. É interessante salientar que todo discurso perpassa pelo caminho da ideologia, pelo menos ao nosso ver. Nele se constroi uma ideia social demarcada em um tempo e em um espaço. Para Orlandi (1996, p. 93), o discurso, na sua condição de representação dos papéis sociais, não representa neutralidade antes, sim ingenuidade, já que nem todos que o utiliza têm consciência do que está dizendo. Muitas vezes o enunciador reproduz o discurso alheio sem ter conhecimento do conteúdo ou da “verdade”

nele contido; outras vezes o perpetua de forma consciente como meio de manipular a sociedade ou parte dela. Por isso, toda formação discussiva é institucionalizada por representações sociais seja a igreja, a mídia, os grupos sociais, a justiça, os grupos políticos, pela mídia e outros meios que compõem o sistema social.

Por isso, o discurso é um jogo, dominá-lo ou compreendê-lo é buscar entender sua regra, os mecanismos sociais que o formam e que o sustentam. Pêcheux (apud ORLANDI, 1996, p.125,) complementa que o “fato de pertencer a uma ou outra formação discursiva muda o sentido de uma palavra”. Sendo assim, a palavra “trabalho” no discurso de um operário tem um sentido, no discurso do patrão outro. Isso decorre devido à relação ideológica diferente que sustenta essas duas classes. Outra observação interessante é a palavra “força”. Para o trabalhador este termo assume uma conotação de trabalho pesado. Na concepção de um sindicato, por exemplo, é sinônimo de luta e de união de uma classe de trabalhadores que reivindica seus direitos trabalhistas frente ao patrão, seja este o Estado ou não. Outro exemplo, citado por Citelli (2007, p. 30 ) é o do pão que denota alimento, porém no rito religioso passa a conotar o corpo de Cristo: “As palavras, no contexto, perdem sua neutralidade e passam a indicar aquilo a que chamamos propriamente de ideologias. Numa síntese o signo forma a consciência que por seu turno se expressa ideologicamente” (CITELLI, 2007, p. 31).

Nessa relação dialógica de embate de ideias, sustenta-se o discurso. Ao analisá-lo é necessário ser conhecedor de sua construção e dos papéis dos indivíduos envolvidos não só na sua elaboração como também na sua recepção. Afinal, como já foi dito, o discurso não é neutro. Nele há sempre uma intenção, seja esta consciente ou não. Ele não se sustenta, se não pelos atores envolvidos no processo de sua construção. Por isso, Fiorin (2007, p. 35) sustenta a afirmação de que a consciência de um indivíduo é formada pelo conjunto de discursos interiorizados ao longo a vida. Daí a sua complexidade, pois é preciso conhecer esses atores, em sua concepção ideológica, levando em consideração o contexto sócio-histórico-cultural e toda a situação contextual em que o discurso foi produzido.

Assim, concebe-se que, por exemplo, valores religiosos configurados numa determinada época, num determinado espaço, numa determinada cultura, podem ser diferentes em momentos, locais e culturas diferentes, inclusive, também, com a modificação desses meios em decorrência transformação da dominação ideológica do grupo de dominação com o decorrer do tempo. Tudo pode ser mutável com o decorrer do tempo. Reportando a Orlandi (1996, p. 162-163), a autora corrobora ao afirmar que o sentido se constitui uma relação dinâmica entre processo e coisa e é nessa relação que que estabelece a linguagem. Então, é nessa interpelação que acontece o discurso. Assim,



A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão do mundo que veicula, um sistema de valores, isto é de esteriótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Ele veicula os tabus comportamentais. A sociedade transmite aos indivíduos-com a linguagem e graças a ela-certos esteriótipos, que determinam certos comportamentos. Esses esteriótipos entranham de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais (FIORIN, 1993, P. 55).

O contexto, como lugar de produção do discurso, é a situação que envolve a enunciação. Se as condições de produção mudam; o sentido também muda. Sempre há um efeito de sentido quando há mudança na situação de produção. Por isso, a sociedade é propagadora de ideologia por meio do discurso que produz ou reproduz que é materializado pelo enunciado.

Orlandi (1996, p. 224) defende que “ todo discurso deve ser referido a uma formação ideologica, isto é, há uma relação necessária entre discurso e ideologia”. Por isso, o discurso é o lugar de produção de ideologia dos agentes sociais de poder. É classificado por Citelli (2007, p. 40-52) em três tipos : o discurso lúdico, o polêmico e o autoritário. Resumindo:

- a) Discurso lúdico: há menos verdade de um, segundo o autor há menos desejo de convencer. Está mais presente na produção artística, como na literatura e na música.
- b) Discurso polêmico: neste existe um desejo do eu em dominar o referente, ou seja, o assunto. O grau de persuasão tende a aumentar. Citelli aponta que a voz de um tende a derrotar a voz do outro. O discurso polêmico pode ser encontrado em situações muito variadas: uma discussão entre amigos, uma defesa de tese, um juízo sobre uma questão nacional, um editorial jornalístico ou uma aula.
- c) Discurso autoritário: O discurso autoritário lembra um circunlóquio, realça Citelli. O autor diz que é como se alguém falasse para um auditório composto por ele mesmo. É na forma discursiva que o poder mais escancara suas formas de dominação. O discurso autoritário é encontrável, de forma mais ou menos mascarada, na família: o pai que manda, sob amáscara do conselho; na igreja: o padre que ameaça sob a guarda de Deus; no quartel: o grito que visa a preservar a ordem e a hierarquia; na comunicação de massa: chamado publicitário que tem por objetivo racionalizar o consumo; há, ainda, longos etecéteras a serem percorridos.

Como se pode reverendar, o discurso ocupa um percurso ideológico delineado por um lugar de produção. Esse lugar é carregado por um percurso constituído por representações sociais. É nesse sentido que o discurso se constrói, assim corrobora Orlandi ( 1996, p.77): “ Os fatos não se narram a si mesmos, são narrados por um certo autor, de uma certa perspectiva, de uma certa maneira, para um certo público.” Por isso o discurso é estratégico, pensado e

elaborado por/para uma certa sociedade. Orlandi (1996, p.77) ainda cita que os sentidos que produzimos em nosso discurso não nascem em nós; nós apenas os retomamos.

Daí, então, afirmar que a multifacetada do discurso se estabelece num conjunto de vozes que se denomina de polifonia. O locutor, entretanto, não assume diretamente a responsabilidade do discurso proferido, contudo pode ser identificado como o responsável pelo seu dizer já que ele é o portador da voz.

Quanto ao enunciador do discurso, segundo Machado (2006, p. 8), é identificado na análise das vozes, cujo agente é o locutor através das marcas culturais, sociais e históricas. É nessa análise que se estrutura a AD. Então, diferentemente do locutor que é o agente das vozes, em outras palavras, o propagador do discurso, o enunciador, por sua vez, é o ser da representação do discurso, sendo os autores do discurso.

Partindo desse pressuposto, o discurso é, como cita Foucault em *A Ordem do discurso* (1970, p.10): “socialmente construído e socialmente legitimado. O discurso é aquilo pelo que se luta; é o poder pelo qual nós queremos nos apoderar!”. Por isso, suas múltiplas faces fazem parte de uma estratégia de dominação. Afinal, num confronto de ideologia, tudo vale: “Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências e ou se não for qualificado para fazê-lo”, afirma Foucault no mesmo texto (1970, p.37). Sua legitimação se dá pelo jogo de poder. É nele que as forças ideológicas se sustentam e ganham força de dominação. Isso cria uma falsa ideia, muitas vezes, de autoria, em outras palavras, de autenticidade, de senhor de seu dizer:

O discurso não é, pois, a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida. O Homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes reproduz esses discursos em sua fala (FIORIN, 1993, p. 47).

Por isso, a ideia social construída nos dizeres de cada grupo ou indivíduo é reconstrução daquilo que se assimilam do enunciador, da propagação do discurso e da aceitabilidade deste.

A polifonia presente no discurso decorre, então, das multifacetadas das coerções sociais como cita Fiorin (2007, p. 43): “O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale”. Daí convencionar que somos frutos de uma ideologia. Por isso a falsa ideia de autoria discursiva. Nessa construção polifônica, dá-se a formação do discurso. São essas diversas vozes presentes no falar do locutor, que torna o seu dizer uma diversidade de vozes provindas de enunciadores ideologicamente marcados pelo espaço de poder, ou melhor, da luta pelo poder.

Por isso, o sujeito do discurso, no olhar da Análise do Discurso (AD), é formado pela ideologia do meio onde o indivíduo vive, de forma consciente ou inconsciente deste sujeito. As diversas vozes que controem o seu dizer é responsável pela formação desse sujeito. Assim, o discurso é multifacetado, é construído em dimensão tão ampla que não se esgotam os ângulos de análise, pois o seu sentido está sempre em (re)construção.

O discurso está sempre vivo. Nele as ideologias estão sempre em (re)construção. Por isso, ao se buscar compreendê-lo, firma-se o entendimento do mecanismo de dominação social. O sujeito social, mesmo que inconscientemente, é atravessado por ele. A multifaceta é que faz o discurso ser complexo, sendo este carregado de ideologias que provêm de diversos discursos: religioso, político, autoritário, lúdico, persuasivo e outros, inseridos nos mais variados contextos, mas todos com viés ideológico. Por isso, o discurso, como já citado, é um lugar onde as estratégias de comunicação e de persuasão se distribuem e se redistribuem.

O discurso político mostra o jogo ideológico do discurso. Nele, há, muitas vezes, um confronto ideológico que envolve os candidatos num jogo do “vale tudo”. A desqualificação do opositor no discurso é ferramenta estratégica para derrotá-lo. Nesse contexto, um determinado candidato utiliza, por exemplo, de estratégias de utilização de notícias falsas, as chamadas *fake news*, que muitas vezes distorcem ou mentem sobre os fatos. As últimas eleições presidenciais, de 2018, foram marcadas pelo uso delas. Se bem que as falsas notícias sempre permearam as políticas, a diferença é que desta vez o uso delas, aliado a novas tecnologias ganharam força. Sempre se utilizou também de ironias como estratégias de desqualificar ou zombar do opositor. Assim, o discurso, mesmo não sendo verdadeiro passa a ganhar força junto ao povo.

Assim, o discurso é um confronto; ele se apresenta na sociedade travestido de diversas facetas, sempre impondo uma verdade que deve ser impregnada na sociedade. Esta deve acreditar nesta verdade e defendê-la em seu meio social. A luta discursiva na perspectiva da AD, dá-se então pela luta ideológica. Não há inocência discursiva nesse sentido, o que há é um discurso elaborado estrategicamente para convencer. É um jogo no qual vence aquele que convence, aquele que atrai para si a crença de seguidores de suas ideias.

O jornal Gazeta do Povo de Curitiba, Paraná, em 28/10/2018, publicou um artigo de Fernanda Trisotto intitulado: “A eleição das fake news: as mentiras que te contaram e os impactos na campanha”. Selecionamos duas notícias falsas mencionadas pela autora nesse artigo, as quais, no decorrer das eleições, ganharam notoriedade. A colunista cita em um fragmento da matéria que:

Bolsonaro não esconde de ninguém que quer conquistar o eleitorado do Nordeste. E duas notícias falsas contra o candidato tentaram minar as chances dele com esse público. O homem que [aparece criticando nordestinos em um vídeo viral não é filho](#) de Bolsonaro. E também é mentirosa a foto que [mostra uma inscrição preconceituosa sobre nordestinos](#) em camisa usada por Flávio Bolsonaro. A saúde de Bolsonaro também vem sendo questionada: após a facada, surgiu um boato de que ele teria câncer. É mentira. Um vídeo que mostra o médico do capitão falando “câncer de intestino” está fora de contexto – [o médico menciona o termo, mas não faz um diagnóstico](#) (TRISOTTO, 2018. Grifos nossos).

Por outro lado, o artigo aponta que:

A ligação de Haddad com Lula pode ter sido deixada de lado na propaganda oficial, mas foi explorada nos boatos. Um vídeo em que Haddad falava de subir a rampa do Planalto com Lula foi retirado do contexto. A gravação era de agosto de 2018, [antes de a candidatura de Lula ser barrada no TSE](#). O petista também foi atacado por um projeto que nunca propôs. Um *meme* dizia que Haddad [tomaria a pedofilia um ato legal: é mentira](#). O projeto de lei em questão nada tem a ver com legalização da pedofilia e tramita no Congresso Nacional sob relatoria de um senador do PSDB. Haddad nunca foi parlamentar. Outro boato é o de que Haddad defendeu o incesto em livro. [Não há informações sobre defesa do incesto no livro publicado por Haddad](#). Posteriormente, Olavo de Carvalho afirmou ter se equivocado e apagou a publicação (TRISOTTO, 2018. Grifos nossos).

Nesse confronto discursivo, o jogo ideológico ganha força para convencer o eleitor. Cada interlocutor quer conduzir o leitor a acreditar em sua “verdade”. Por isso Orlandi (2015, p.83) defende que: “entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interlocução no qual o sujeito se move”. É nesse entremeio que a autora alerta que é fundamental dar visibilidade. Esse espaço do dito e do não dito é que o autor do discurso usa de estratégia para confundir o receptor. Na eleições das *fakes News*, o eleitorado foi conduzido mais uma vez por esse jogo.

Pode-se inferir, baseado no artigo citado acima, que as notícias falsas utilizadas pelos candidatos são formas conduzir o eleitor a acreditar no discurso político e defendê-los. Essa estratégia não é de agora, contudo ganha forma por causa da mídia digital que é mais dinâmica e propaga as informações rapidamente, muito mais veloz que a televisão, rádio, jornais e revistas. Cabe ao leitor estar atento às informações que recebe. Este deve lembrar que o discurso poder ser, como diz Orlandi, “blefe”.

#### 4. Considerações Finais

Este estudo se propôs a trazer à tona uma reflexão de que o discurso não é uma construção que provém de um espaço vazio ou de um único lugar ou de um só sujeito. Sua

construção se dá de maneira eloquente e multifacetada; jamais a significação se dá sobre um único viés. Espera-se, pelo debatido e pelos textos analisados, ter contribuído para uma melhor compreensão de como cada indivíduo é atravessado pelos discursos expostos na sociedade.

Assim, cada ato do dizer, ou do não dizer, ou seja, o silenciar-se, tem seu sentido. E tudo que é dito ou pensado provém, embora modificado, de algum espaço social. Nada é vazio. O discurso é um jogo, um embate, um confronto de ideologia. Nele não há neutralidade. Então, o tema nunca se esgota, pois um discurso, ou frase, ou silêncio nunca será o mesmo quando se repetido, já que precisa ser decifrado pelo interlocutor que, por sua vez, também está afetado pelo mecanismo discursivo social.

Este artigo, pelo propósito que se estabeleceu, está a contento, uma vez que se espera ter contribuído para uma reflexão crítica sobre o discurso, tendo como embasamento teórico a Análise do Discurso (AD). Os conceitos e as análises aqui apresentados são bem mais vastos, diante da complexidade de se conceituar e analisar o discurso, ainda mais a ideologia que os acompanham. É nesse sentido que, ao finalizar, ratificamos que, como diz Orlandi, “o sentido do discurso sempre pode sempre ser outro”, ou seja, outras análises e debates podem ganhar outros sentidos.

## **Bibliografia**

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Análise do discurso: um itinerário histórico**. Publicado em PEREIRA, Helena B. C. & ATIK, M. Luiza G. (orgs.). *Língua, Literatura e Cultura em Diálogo*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 16ª Ed. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2007

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisas*. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. **Michel Foucault, Discurso e Mídia** in *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*. Ano 3 - Edição 2, 2009-2010

MACHADO, Maria Benetti. **Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica** (2006, p. 8) - Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 14, 1-11 janeiro/junho 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise do Discurso*. 2.ª edição. Campinas – SP: pontes, 1993.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 3.ª edição. São Paulo: Cortez, 1993.

KRONKA, Graziela Zanin. **Análise do discurso e linguística textual: interação e interdiscursividade** publicado nos *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003 (589-594)

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995

TILIO, Rogério. Escrita - *Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. Nilópolis, v. I, Número2, Mai. - Ago. 2010

Trisotto, Fernanda. **A eleição das fake news: as mentiras que te contaram e os impactos na campanha.** *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20/10/2018. Sítio: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/eleicao-das-fake-news-mentiras-que-te-contaram-e-os-impactos-na-campanha>.

WALSH, Bianca. **A noção de discurso na ad peuchutiana e na acd de fairclough e implicações nos diferentes modos de análise.** *Raído*, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 9-23, jan./jun. 2011